



Teologia Brasileira

Nº 100 | 2023 ISSN 2238-0388

O que o Apocalipse ensina sobre a política e a cultura no mundo de hoje <i>Franklin Ferreira</i>	5
O aborto e a desumanização da vida <i>Felipe Lydia</i>	16
A Bíblia como literatura: entrevista com Leland Ryken <i>Leland Ryken</i>	34
A maior história de todos os tempos: reconhecendo a cosmovisão cristã em clássicos do cinema <i>Wandick Leão Féres</i>	41
Lançamentos	47



VIDA NOVA

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplem a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Conselho editorial

Franklin Ferreira

Coordenador de produção:
Sérgio Siqueira Moura

Contato:
teologiabrasileira@vidanova.com.br

Editorial

Está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira!

É com imensa alegria que celebramos a 100ª edição da revista Teologia Brasileira, que tem lutado para ser uma voz na disseminação de uma teologia sólida e comprometida com a verdade do evangelho.

Nesta edição, Franklin Ferreira busca oferecer uma leitura envolvente e contemporânea de Apocalipse 13, capítulo chave na visão profética de João, revelando o que ele tem a nos ensinar sobre a política e a cultura do nosso tempo.

Felipe Lydia discute o aborto, tema atualíssimo que suscita muitos debates inclusive no judiciário. O autor, a partir da tradição cristã, se opõe ao aborto, no sentido de permanência de criminalização em qualquer tempo de gestação, desde a concepção.

E destacando ainda mais esta edição, apresentamos uma entrevista exclusiva com um de nossos autores, Leland Ryken.

Descubra suas perspectivas fascinantes sobre a Escritura Sagrada como obra literária.

Wandick Leão investiga a relação entre os grandes filmes da cultura pop e o enredo da maior história de todos os tempos: a história de Jesus Cristo, como revelada na Escritura Sagrada.

Boa leitura!
Soli Deo Glori



Assista ao vídeo!

No vídeo desta edição apresentado em junho de 2000 na Primeira Igreja Batista de Curitiba, Russell Shedd (1929-2016) fala sobre como deve ser a adoração cristã a partir de Hebreus 12.

O que o Apocalipse ensina sobre a política e a cultura no mundo de hoje

Franklin Ferreira



Comentando as visões proféticas do apóstolo João no livro de Apocalipse, Richard Bauckham escreveu: “É um erro grave deduzir que Apocalipse se opõe ao Império Romano meramente por causa de sua perseguição aos cristãos. Na verdade, o livro apresenta uma crítica profética completa do sistema de poder romano [...] Não é só porque Roma persegue os cristãos que eles precisam opor-se a ela; antes, é porque os cristãos querem afastar-se do mal do sistema romano que [...] sofrerão perseguição [...] João vê que a natureza do poder romano é tal que, se os cristãos são testemunhas fiéis de Deus, precisam suportar o confronto inevitável entre as pretensões divinas de Roma e seu testemunho do Deus verdadeiro [...] Aqueles que testificam o único Deus real, verdadeiro e absoluto, a quem todo o poder político está sujeito, expõem a deificação idólatra de Roma pelo que é em si mesma. Isso significa que o poder de resistência a Roma teve origem na fé cristã no único Deus verdadeiro.”¹ A crítica profética de João ao poder imperial romano, como revelada em Apocalipse, é ampliada e

¹Richard Bauckham, *A teologia do livro de Apocalipse* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2022), passim.

aplicada a todo o Estado que impõe sua ideologia sobre toda a sociedade e requer culto ao seu líder, no lugar do único Deus vivo e soberano.

Assim, na medida em que a trama revelada em Apocalipse avança, a trama também se adensa. João tem visões proféticas cada vez mais dramáticas de uma grande guerra cósmica final entre o único Deus verdadeiro e o diabo, que se serve do Estado totalitário. Em Apocalipse 12.18 João tem a visão do “dragão” ou serpente parando na praia e aguardando o aparecimento da primeira “besta” ou monstro marinho. A razão para ele parar “em pé sobre a areia do mar” é que ele está convocando seu agente, a besta, para a batalha final. O “dragão” era o monstro marinho das profundezas, e o “mar” simboliza a esfera do mal. Essa é uma cena dramática, enquanto o dragão está parado na praia, a besta, vagorosamente, emerge do mar. A visão que João tem do surgimento das duas bestas está registrado em Apocalipse 13.1-18:

Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças, e, sobre os chifres, dez diademas, e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E o dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Uma das cabeças da besta parecia ter sido golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada. E toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta. Também adoraram a besta, dizendo: — Quem é semelhante à besta? Quem pode lutar contra ela? Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e foi-lhe dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses. A besta abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. Foi-lhe permitido, também, que lutasse contra os santos e os vencesse. Foi-lhe dada, ainda, autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação. E ela será adorada por todos os que habitam sobre a terra, aqueles que, desde a fundação do mundo, não tiveram os seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto. Se alguém tem ouvidos, ouça. “Se alguém tiver de ir para o cativeiro, para o cativeiro irá. Se alguém tiver de ser morto pela espada, pela espada morto será.” Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos.

Vi ainda outra besta emergir da terra. Tinha dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão. Ela exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença e faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal havia sido curada. Também opera grandes sinais, de maneira que até faz descer fogo do céu sobre a terra, diante de todas as pessoas. Seduz aqueles

que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi permitido realizar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que foi ferida à espada e sobreviveu. E lhe foi concedido poder para dar vida à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse e fizesse morrer todos os que não adorassem a imagem da besta. A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz com que lhes seja dada certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de ser humano. E esse número é seiscentos e sessenta e seis.

O dragão concede poder a besta

João afirma que viu “emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças, e, sobre os chifres, dez diademas”. O “mar”, a morada do mal, pode representar a humanidade rebelde a Deus, em constante agitação, um caldeirão de vida nacional e social confusa, num ponto de ruptura. E deste ambiente caótico surge a besta, que combina aspectos das quatro bestas do livro de Daniel 7, que representam reinos idólatras, mas agora englobando todos aqueles reinos em um último reino mundano. O parentesco entre a besta e o dragão fica evidente no fato de que ambos têm “dez chifres e sete cabeças”. Os detalhes retratam uma besta medonha e amedrontadora, a incorporação de todo o mal. “E, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia”, ou seja, a besta traz um nome de divindade sobre a cabeça, exigindo que os homens a adorem. Na época de João o imperador Domiciano exigiu que as pessoas se dirigissem a ele com o título de *Domínus et Deus* (Senhor e Deus) e as cidades da Ásia Menor competiam entre si pela honra de ter um templo dedicado ao imperador, para promover o culto imperial. Mas há aspectos nesta besta que não têm paralelo no mundo romano. Ela será uma combinação de todas as bestas ou impérios iníquos que, ao longo da história, têm se levantado contra Deus e seu povo. Por isso, a besta da visão é o Anticristo, um somatório de todos os reinos opressores e Estados totalitários que surgiram antes dela.²

²Cf. Franklin Ferreira, “O Anticristo nas obras de Soloviev e Benson”, em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/franklin-ferreira/o-anticristo-nas-obras-de-soloviev-e-benson/>.

Na visão, a besta “era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão”, combinando adjetivos das primeiras três bestas de Daniel 7; a quarta besta é representada pelos dez chifres. E “o dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade”, ou seja, a besta não é apenas uma concentração de poder político e militar, ou a deificação do Estado e do seu governante; ela personifica a maldade satânica, obtendo seu poder e sua autoridade do dragão, que opera por meio do Estado iníquo. E “uma das cabeças da besta parecia ter sido golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada”. Estas são as mesmas palavras usadas para o Cordeiro (5.6), que foi morto de fato. E essa ferida na cabeça da besta não é outra coisa senão aquela que o Cristo-Cordeiro infligiu, em sua ressurreição, ao diabo (Gn 3.15). Mas a cabeça “foi curada”, a besta retornou à vida depois de receber uma “ferida mortal”, portanto a besta se apresenta como uma paródia da morte e ressurreição de Cristo. Esta será mais uma imitação satânica, onde o dragão e a besta copiam o que Deus e Cristo realizaram. Assim, por causa desta ressurreição falsificada, “toda a terra se maravilhou”. Aqueles apartados de Deus e do Cordeiro “adoraram o dragão [...] também adoraram a besta”. As multidões são enganadas pelo milagre e fazem o que não fizeram durante o ministério de Jesus, adoram o dragão e a besta. A besta não quer exercer apenas poder político, sua meta é conquistar a lealdade das pessoas e desviá-las da adoração a Deus. Mas adorar a besta, usando uma paródia do Cântico de Moisés (Êx 15.11), é adorar o poder satânico por trás dela, pois as forças demoníacas sempre estão por trás da adoração aos ídolos.

João nos lembra que o tempo do Anticristo será um tempo de luta pelas almas da terra. E a besta evidenciará um poder tão grande que o mundo será convencido da futilidade de querer resistir ao seu poder maligno. Como cristãos, como estamos nos preparando para esse tempo de iniquidade e trevas que virá?

O controle divino sobre as atividades da besta

Na visão de João é dito que foi “dada [à besta] uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias”. Como a besta recebeu esta boca de alguém, fica claro que o seu poder não provinha dela, mas de uma autoridade superior. Ela recebeu seu poder do dragão. Ou seja, a autoridade da besta parece ter vindo de Satanás. Mas, na realidade, o Deus soberano limita essa autoridade, “para agir durante quarenta e dois meses”, número que simboliza todo o período de perseguição da igreja, principalmente este período final, o tempo da grande tribulação. As

“arrogâncias e blasfêmias” da besta contra Deus são a reivindicação da besta de que as pessoas lhe sejam fiéis e o adorem em lugar de Deus. E os santos serão difamados e pisados pelo Anticristo. O “tabernáculo” celestial não é apenas um lugar, é também o povo de Deus, e blasfemar contra o povo de Deus é blasfemar contra o lugar em que Deus habita. Diante de um quadro tão terrível, confiamos em que apenas o Deus soberano, e não o diabo, estabelece tempos e períodos? Como tal certeza guia nossa vida e preparação para o embate final?

E foi “permitido [à besta...] que lutasse contra os santos e os vencesse”. A besta tem ódio contra os santos, e agirá contra eles não importa os meios, mas sempre no âmbito da soberania divina. Sua ação primordial será desviar os santos de Cristo, o que a besta tenta com perseguição feroz. Ela os perseguirá terrivelmente, mas isto não significa que a besta consegue desviar os santos de sua lealdade de Cristo. Na verdade, aqueles que a besta aparentemente vencera tinham obtido a vitória, através do seu martírio. Seu martírio foi sua vitória; eles permaneceram leais a Cristo e se recusaram a adorar a besta e o dragão. Como Grant Osborne colocou: “Quando o dragão e a besta vencem os santos, eles são vencidos pelos santos. Isso repete a derrota de Satanás por Cristo. Quando Satanás planejou a morte de Cristo e entrou em Judas a fim de levar Cristo à cruz, ele estava selando o próprio destino. Quando Satanás ‘venceu’ Cristo, ele foi ‘vencido por Cristo’. Quando os santos se engajam na ‘participação dos seus sofrimentos’ [...], eles compartilham da vitória final de Cristo mediante uma aparente derrota”.³ Também foi “dada [à besta] autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação”. Não é possível encontrar o cumprimento destas palavras em nenhuma situação do Império Romano. A perseguição sob Nero estava limitada a Roma e implicou em poucos mártires; a perseguição sob Domiciano teve um alcance muito curto, Roma e cidades da Ásia Menor. João olha para um tempo em que um governante anticristão exercerá poder sobre todo o mundo. Mas, novamente, até mesmo esse ato final de abuso da besta contra o povo de Deus está sob o controle soberano do Senhor.

Por fim, a besta “será adorada por todos os que habitam sobre a terra”, uma referência às nações descrentes que seguem a besta, opõe-se a Deus e perseguem os santos. A besta terá total controle sobre elas, e elas realizarão todos os caprichos

³Grant Osborne, *Comentário exegético: Apocalipse* (São Paulo: Vida Nova, 2014), p. 562.

da besta. Entretanto, a besta não tem poder sobre o povo de Deus. A besta pode, com certeza, persegui-los e matá-los, mas seu poder sobre os santos será físico, não espiritual. O “Livro da Vida” é o registro de todos os que foram salvos pela fé no Cordeiro de Deus crucificado e ressurreto. Que seus nomes foram escritos “desde a fundação do mundo” implica na certeza que estes têm de sua eleição graciosa e da segurança de que Deus os guarda, apesar de parecerem indefesos diante dos ataques da besta. Que o Cordeiro “foi morto” se refere ao fato que ele operou a salvação para os que creem nele, e que sua morte mostrou o caminho para os que o seguiriam.

Aqui somos lembrados que a derrota que Cristo impôs ao diabo é semelhante ao Dia D na Segunda Guerra Mundial, e atual luta do diabo e de sua serva, a besta, é semelhante à resistência das forças alemãs ao inevitável e vitorioso avanço dos aliados ocidentais. Como o ponto de virada do Dia D, o resultado decisivo está agora assegurado, mesmo que a batalha ainda continue sendo travada. Assim, estamos diante dos últimos atos de rebeldia de um inimigo fanatizado, mas já derrotado. A vitória final foi alcançada na cruz pelo Cordeiro de Deus que foi morto em favor e no lugar dos eleitos.

Uma exortação para discernir entre a verdadeira e a falsa religião

João encerra sua descrição do Anticristo com uma advertência: “se alguém tem ouvidos, ouça”. Deus está dando instruções sobre a conduta de seu povo diante da perseguição violenta e pesada. Ele requer que ouçamos e obedeçamos a suas instruções. A isto segue uma afirmação solene, que pode ser traduzida de duas maneiras. A primeira versão faz referência a perseguidores que no fim sofrerão o mesmo destino que estão infligindo a outros: “Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada”. A segunda versão pode se referir aos perseguidos: “Se alguém tiver de ir para o cativo, para o cativo irá. Se alguém tiver de ser morto pela espada, pela espada morto será”. A perseguição pela besta faz parte da providência de Deus e não cabe resistência violenta por parte dos santos. Quem está destinado ao cativo, tem de estar disposto a ir, como cristão. O cativo e a morte sempre têm sido o destino dos santos e, nos dias finais, debaixo da influência do Anticristo, ambos se tornarão a experiência universal da igreja – que, de acordo com Bauckham, pode implicar “o martírio de todos os cristãos, sem exceção [... o que] exige que

todo cristão fiel esteja preparado para morrer”.⁴ Mas a perseguição não é a última palavra, pois ambas as versões podem estar certas: Deus retribui, e o castigo dos que perseguem e matam, no fim, será de acordo com seu crime. A última palavra não está com o perseguidor. O julgamento final está nas mãos de Deus, e este virá, com certeza. Os que erguem a espada contra o povo de Deus receberão a retribuição justa, mas para esperar aquele dia é preciso “perseverança” e “fidelidade”. Por enquanto, a impressão é que a besta tem poder ilimitado para matar os santos. Assim, tal tribulação exigirá dos santos fé de que Deus ainda é Deus, que ele ainda está governando, e que seu Reino triunfará.

A luz da exortação feita pelo apóstolo, devemos rejeitar a tão popular ficção de um suposto “arrebatamento secreto”, que salvaria a igreja magicamente antes dessa grande tribulação. Como afirmou corretamente Corrie ten Boom, que foi presa em 1944 pelos nacional-socialistas alemães por abrigar judeus em sua casa na Holanda, não há fundamento bíblico para tal ensino. E, como ela também afirmou, essa crença tornou a igreja cristã despreparada para enfrentar tempos de grande perseguição e martírio.⁵

A única ação que será permitida aos santos nessa perseguição final é o se aplicar ao testemunho fiel e à perseverança em seguir a Cristo. Seremos chamados a nos submeter à besta, mas, sobretudo, à providência de Deus. Como no Antigo Testamento, em que o Senhor Deus é quem vencia as guerras em favor de seu povo, não devemos fazer guerra contra a besta – isso é função de Deus. Devemos viver fielmente e perseverar em nosso testemunho, deixando a batalha para o Senhor. Pois, como Bauckham escreveu, “enquanto a terminologia moderna chama o martírio de ‘resistência passiva’, as representações militares de João [em Apocalipse] o tornam tão ativo quanto qualquer guerra física. [...] A mensagem [...] não é ‘não resistam!’, mas, sim, ‘resistam, mas pelo testemunho e martírio, não pela violência’. [...] Os leitores de João não devem transigir, antes, devem resistir à idolatria do Estado e da sociedade pagãos. Ao agirem dessa forma, estarão cumprindo uma função indispensável na concretização da vitória do Cordeiro.”⁶

⁴Richard Bauckham, *A teologia do livro de Apocalipse*, passim.

⁵Cf. Corrie ten Boom, “The coming tribulation”, em *The Texas Herald*, vol. 32, n. 10, October 1981.

⁶Richard Bauckham, *A teologia do livro de Apocalipse*, passim.

E os nomes blasfemos que adornam a besta, a adoração que a besta requer das nações, o seu poder para realizar milagres e enganar e até perseguir os santos, ocorrem no âmbito da soberania de Deus. Não há poder verdadeiro no mal. O Deus soberano está no controle, e o mal não pode realizar nada além do que faz parte do propósito divino. E todos esses males terão seu fim no tempo predeterminado por Deus. Como John Owen, que no tempo de Oliver Cromwell havia sido vice-chanceler da Universidade de Oxford, e que perdeu esta posição com a volta do tirano Carlos II ao poder, escreveu em 1680: “Mesmo que caíamos, a nossa causa será vitoriosa porque Cristo está assentado à direita de Deus; o Evangelho triunfará e isso me conforta de forma extraordinária.”⁷

O surgimento da besta da terra ou monstro terrestre

João menciona que viu “outra besta emergir da terra”. Esta segunda besta ou monstro terrestre era semelhante a um cordeiro, mas sua voz traía sua aparência, pois falava como dragão. Ela representa a religião a serviço da adoração à besta do mar, sendo chamada, mais adiante, de o “falso profeta” (Ap 19.20). A primeira besta incorpora o poder civil e militar; a segunda besta representa o poder religioso, empregado para apoiar o poder civil e militar. Ou seja, a rebelião final de Satanás será empreendida de forma implacável, por meio da instrumentalização de todas as esferas da sociedade. E, para promover essa grande batalha contra Deus e seu povo, Satanás parodia a Santa Trindade e estabelece sua própria trindade falsa: o dragão, ou seja, ele mesmo; a besta do mar, que é o Anticristo, com seu poder político e militar total; e a besta da terra, que é o falso profeta, que será o líder religioso do movimento. O dragão usa essas criaturas para ganhar o controle tanto do sistema político quanto do religioso, criando um único governo mundial, com o Anticristo como o rei supremo, e uma religião mundial, com o Anticristo como o ídolo do mundo. A combinação dos domínios político e religioso são o cerne do poder absoluto da falsa trindade sobre as nações.

A segunda besta, cuja descrição é tomada de Daniel 8, está a serviço da primeira besta. Não tem poder próprio, mas recebe poder de sua união com a primeira besta. Seu único objetivo é angariar a lealdade religiosa da terra para a

⁷Esta citação se encontra em Iain Murray, *The puritan hope; revival and the interpretation of prophecy* (Edinburgh: Banner of Truth, 1998), p. xii-xiii.

primeira besta, fazendo com que todos os habitantes da terra “adorem” o Anticristo, tendo como base uma paródia da ressurreição. “Também opera grandes sinais, [...] faz descer fogo do céu sobre a terra, diante de todas as pessoas. Seduz aqueles que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi permitido realizar”. No mundo romano a magia tinha um papel importante e era muito usada para enganar os crédulos. O falso profeta não fará somente supostos milagres, como uma paródia dos profetas Moisés e Elias. Ele terá poder para fazer descer fogo do céu, para enganar os homens com supostos poderes divinos, fazendo-os crer no que na realidade é obra de Satanás. Como G. K. Beale & David H. Campbell escrevem: “Um profeta verdadeiro leva as pessoas a adorar a Deus, mas o falso profeta as leva a adorar o Estado (e, por extensão, o diabo)”.⁸ Portanto, os cristãos não podem tolerar falsos mestres que se infiltram na igreja para seduzir alguns a que se comprometem com as instituições idólatras da cultura da morte, ilustrada pela defesa do aborto, sancionada pelo Estado iníquo, e que servem à besta.⁹ Os “que habitam sobre a terra” é uma expressão para aqueles que não creem no Cordeiro. Já que os que rejeitaram a oferta de salvação de Deus e recusaram-se a se arrepender (Ap 9.20-21), Deus os entregou ao engano que eles mesmos haviam escolhido. Em certo sentido, Deus está “entregando-os a Satanás”.

A vivificação aparente da primeira besta lembra trapaças realizadas por sacerdotes e feiticeiros do mundo antigo, que construíam roldanas e usavam técnicas de ventriloquia para dar a impressão de que os ídolos estavam vivos. Mas os sinais da besta parecem incluir atividade demoníaca real, já que o dragão está por trás dos ídolos estatais. Além disto, a segunda besta recebeu poder para fazer “morrer todos os que não adorassem a imagem da besta”. A frase, que é um eco da ordem de Nabucodonosor, em Daniel 3, afirma que a imagem da besta ordena que os que não adoram a besta sejam mortos. Contudo, Bauckham escreve, “a besta pode matá-los, mas não pode suprimir seu testemunho da verdade. Sua morte não contesta sua evidência, porque mesmo em sua morte, o poder da

⁸G. K. Beale & David H. Campbell, *Brado de vitória: um breve comentário de Apocalipse* (São Paulo: Cultura Cristã, 2017), p. 262.

⁹Cf. Franklin Ferreira, “O ‘outro Evangelho’ dos ‘cristãos progressistas’”, em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/franklin-ferreira/cristaos-progressistas-outro-evangelho/>.

verdade em convencer supera o poder da mera força física para suprimi-lo.”¹⁰ Assim, o conflito crucial é colocado pelo apóstolo de forma bem clara. O conflito não é entre religião e ateísmo ou entre religião e religião. Mas entre Cristo e Anticristo – entre Deus e Satanás. De que lado estamos?

O povo de Deus, às portas da grande tribulação, foi selado em suas testas (Ap 7.3), separando-o da ira de Deus derramada sobre o mundo (Ap 9.4), fortalecendo-o em seu testemunho e sua lealdade a Cristo. A besta tem a sua “marca”, que é aplicada sobre a “mão direita” ou a “testa” daqueles que a adoram, numa inversão e paródia macabra dos *tefilin* judaicos. De maneira que temos dois grupos de pessoas, os que são selados por Deus e os que levam a marca da besta. A marca da besta é sinal de fidelidade por parte dos que a recebem, identificando-os como adoradores da besta. E esta marca da besta tinha utilidade religiosa e econômica. Pois a besta, com a ajuda do falso profeta, assumirá poderes totalitários, com controle completo de toda a política, religião e economia do mundo, com o objetivo de levar toda a humanidade a adorá-la. Se isso parece distante ou fantasioso basta acompanhar os experimentos de controle social que estão ocorrendo na China comunista.¹¹ Assim, devemos observar atentamente a polarização: crentes são marcados com o “selo” de Cristo, enquanto os descrentes têm a “marca” da besta. Não há neutralidade nessa guerra, ou se pertence a Cristo ou à besta. A quem, de fato, pertencemos?

Uma exortação a perseverar na fé

Esta visão de João se encerra com nova exortação: “aqui está a sabedoria. [...] O número da besta [...] é número de ser humano. E esse número é seiscentos e sessenta e seis”. João dá o nome da besta de maneira simbólica. Os primeiros leitores de Apocalipse devem ter entendido a menção. O máximo que podemos dizer é que se o número da besta é uma profecia de uma situação futura, ninguém ainda

¹⁰Richard Bauckham, *A teologia do livro de Apocalipse*, passim.

¹¹Cf., por exemplo, “Superestado Han da China: O Novo Terceiro Reich”, em: <https://pt.gatestoneinstitute.org/14048/china-novo-terceiro-reich>; “Mais monitoramento e restrições: veja as novas medidas da China contra igrejas”, em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/mais-monitoramento-e-restricoes-veja-as-novas-medidas-da-china-contras-igrejas/>.

resolveu seu significado. O que é claro é que “seiscentos e sessenta e seis” refere-se à besta como inerentemente incompleta e pecaminosa, imperfeita, ainda que aparente ter alcançado perfeição e divinização.

Em toda essa passagem de Apocalipse 13, João antevê o período de tribulação final da História, quando a besta, o Anticristo, sobe ao poder e a segunda besta, o falso profeta, se torna seu sumo sacerdote, obrigando o mundo a escolher entre Cristo e a besta. Nesse contexto, a recusa em participar da adoração universal à besta será considerada crime capital. Isso nos parece dramático ou radical? Devemos lembrar que vivemos apenas setenta anos depois da ascensão de monstros como Adolf Hitler, Josef Stalin e Mao Tsé-Tung ao poder e exigiram para si lealdade total. Na atualidade o espírito do Anticristo opera no Ocidente, engolfando-o numa onda de controle estatal, paganização, imposição de uma cultura de morte e promiscuidade sexual, enquanto no Oriente Médio o islamismo persegue os cristãos com fúria e o comunismo chinês suprime violentamente a liberdade da fé cristã. Portanto, somos, aqui, colocados todos diante do momento decisivo, a escolha entre seguir a besta ou o Cordeiro, o diabo ou o único Deus verdadeiro. A quem você seguirá – aqui e agora?



Franklin Ferreira

Sobre o autor

Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pós-graduado em Bíblia e Teologia pela Universidade Luterana do Brasil e Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. É diretor e professor de teologia sistemática e história da igreja no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos, São Paulo, secretário geral do Conselho Deliberativo do IBDR e consultor acadêmico de Edições Vida Nova. Autor de vários livros, entre eles Teologia Sistemática (este em coautoria com Alan Myatt), A Igreja Cristã na História, Avivamento para a Igreja, Contra a Idolatria do Estado e Pilares da fé, publicados por Edições Vida Nova, e Servos de Deus e O Credo dos Apóstolos, publicados pela Editora Fiel.

O aborto e a desumanização da vida

Felipe Lydia



Introdução

O termo “aborto” tem origem no latim *abortus*, derivado de *ab-rior*, o oposto do verbo *orior*, que significa nascer (FERNANDES, 2018, p. 57). Do ponto de vista da medicina, o aborto representa a expulsão do feto durante a gravidez de forma natural ou provocada. O juiz de direito e mestre e doutor em filosofia e história da educação, André Gonçalves Fernandes (2018, p. 57) explica que “o direito considera aborto a morte do feto dentro do útero ou sua expulsão prematuramente provocada para que faleça, em qualquer fase da gestação.” Os cristãos se opuseram a esta prática desde o início da igreja. Na obra *History of European morals* [História das morais européias], W.E.H. Lecky observa que o aborto era uma prática pela qual poucos povos antigos manifestavam um sentimento de profunda reprovação, mas destaca que “a linguagem dos cristãos, desde o princípio, foi diferente. Com uma firmeza inabalável e grande veemência, os cristãos denunciaram a prática, não simplesmente como desumana, mas como um assassinio consumado” (LECKY, apud MEILAENDER, 2009, p.43-4). Obras do século 2 de autoria de cristãos próximos aos apóstolos, como o *Didache* e a Epístola de Barnabé, “rejeitam qualquer aborto, seja terapêutico, providencial, criminoso ou genético, como sendo um assassinato. Os concílios das

igrejas de *Elvira* (306 d.C.) e *Ancyra* (314 d.C.) condenam o aborto como praxe paga” (REIFLER, 1992, p. 133).

A Igreja Romana historicamente se posicionou contra o aborto. O Catecismo da Igreja Católica, na seção sobre o quinto dos Dez Mandamentos (“Não matarás” — número 2270), afirma que “a vida humana deve ser respeitada e protegida, de modo absoluto, a partir do momento da concepção. Desde o primeiro momento da sua existência, devem ser reconhecidos a todo o ser humano os direitos da pessoa, entre os quais o direito inviolável de todo o ser inocente à vida.” Madre Teresa de Calcutá, por exemplo, não “apenas lutou pelo cuidado para com os pobres, mas também – para aflição de alguns de seus apoiadores – pelo cuidado para com os não nascidos.” (FRAME, 2013, p. 788, n.19). Hans Reifler (1992, p. 130) destaca que a freira conhecida por seu trabalho humanitário desenvolvido na Índia, que legou a ela o Nobel da Paz em 1979, considerava o aborto a maior praga da atualidade, pior que a lepra, a tuberculose ou o câncer.

O protestantismo tradicionalmente tem se posicionado de forma contrária ao aborto. O reformador João Calvino, em seu comentário sobre Êxodo 21.22-25, defendeu a humanidade do feto apegado ao ventre da mãe, denunciando como um crime monstruoso roubar-lhe a vida antes que ele possa usufruí-la. E afirmou: “se nos parece mais horrível matar um homem em sua própria casa do que no campo, porque a casa de um homem é o lugar de refúgio mais seguro, deve parecer-nos maior atrocidade destruir um feto no ventre, antes que ele seja dado à luz.” O mártir Dietrich Bonhoeffer defendeu que “o extermínio do fruto no ventre materno é atentado ao direito de vida conferido por Deus à vida em formação.”¹ Em sua esclarecedora obra *Contra o aborto*, o filósofo Francisco Razzo (2017, p. 23), afirma que “assim como a morte inspira a reflexão dos filósofos, o início da vida também inspira grandes perguntas [...] Opiniões referentes a esses dois momentos decisivos mudam o modo como conduzimos a vida aqui e agora”. John Stott alerta:

Os debates sobre aborto e eutanásia são complexos. Incluem aspectos médicos, legais, teológicos, éticos, sociais e pessoais. São temas bastante emocionais, pois tocam nos mistérios da sexualidade e da reprodução humana, da vida e da morte.

¹Citações extraídas do artigo de Franklin Ferreira em <<https://coalizaopeloevangelho.org/article/a-celebracao-da-morte-na-argentina/>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

Ambos costumam envolver dilemas intensamente dolorosos. Mas os cristãos não podem esquivar-se da tomada de decisões pessoal ou da discussão política sobre temas simplesmente por causa de sua complexidade. O que está em jogo nos debates sobre aborto e eutanásia é nada menos do que a nossa doutrina cristã sobre Deus e a humanidade [...] Para o cristão, dar e tirar a vida são prerrogativas divinas.

Além da complexidade do tema, como mencionado acima, algumas estatísticas estarrecedoras revelam a gravidade da situação vivenciada nas últimas décadas. Nos Estados Unidos o número de abortos legais em 1969 era inferior a 20 mil, mas em 1975, dois anos após o julgamento do emblemático caso *Roe vs Wade* naquele país, quando a Suprema Corte julgou legítimo que a mulher tivesse poder de decisão sobre a gravidez, esse número chegou a 1 milhão, atingindo a marca de quase 1 milhão e meio em 1980. Na Inglaterra e no País de Gales o número de abortos legais realizados por ano nos hospitais públicos cresceu de pouco mais de 6 mil em 1966 para 167 mil em 1973, em um intervalo de menos de uma década. Estima-se que “o número total de abortos legais e ilegais no mundo inteiro, em 1968, foi de 30 a 35 milhões. Hoje, a estimativa é que 55 milhões de abortos ocorram a cada ano, o que significa mais de um aborto por segundo” (STOTT, 2019, p. 463). Esta dramática realidade não se restringe ao Ocidente: David Platt (2016, p. 89) revela que na China, onde vigora a política do filho único, muitos pais consideram mais vantajoso ter um filho homem, o que resulta em muitos abortos de meninas. Platt mostra também que na Índia ocorre situação semelhante: como é mais caro ter uma filha mulher, por conta do dote a ser pago no futuro, muitas famílias optam por não levar a gravidez de uma bebê menina até o fim.

John Stott apresenta um resumo da ênfase dada pelos grupos favoráveis e pelos contrários à prática abortiva: “aqueles a favor de um aborto liberal destacam os direitos da mãe, especialmente o seu direito de escolha; aqueles que se opõem ao aborto destacam os direitos do filho nascituro, especialmente o seu direito de viver.” (STOTT, 2019, p. 464). O teólogo John Frame (2013, p. 695) alerta sobre a retórica de grupos que se colocam como porta-vozes feministas, mas que “não querem que as mulheres com ‘gravidez problemática’ conheçam todos os fatos relevantes. Eles não querem que essas mulheres saibam que o feto delas é um bebê, que há perigos no aborto, ou que há alternativas.” Serão abordados a seguir os três aspectos destacados por Frame: a humanidade do embrião, os riscos do aborto e

as alternativas à prática abortiva, temas de extrema relevância que são frequentemente omitidos do debate público. Por fim, situações especiais como gravidez resultante de estupro ou incesto, fetos com anomalias genéticas e gestação com risco à vida da mãe serão discutidas.

1. Três verdades essenciais omitidas do debate público

a. A crueldade do aborto: a humanidade do embrião

As autoras K. Hindell e Madeleine Simms, favoráveis ao aborto, afirmaram que “médica e legalmente, embrião e feto são meramente parte do corpo da mãe e ainda não são humanos” (apud STOTT, 2019, p. 466). O que aconteceu para que este tipo de conceito, inimaginável algum tempo atrás, surgisse e até mesmo alcançasse proeminência no debate público contemporâneo? O juiz André G. Fernandes (2018, p. 39) descreve a mudança histórica do conceito de pessoa, mostrando como ao longo do tempo a filosofia se apossou do conceito teológico com o intuito de racionalizar a realidade humana, fazendo menção ao pensamento de autores de diferentes períodos históricos como Descartes, Leibniz, Locke e Hume. Fernandes (2018, p. 40) assevera que “a atual crise do conceito de pessoa agravou-se em algumas correntes anti-personalistas [...] como as tendências anti-humanísticas das doutrinas de Marx e Nietzsche, as teorias do estruturalismo de Foucault e Deleuze, e o behaviorismo de Skinner e Watson”. Ele descreve outros movimentos filosóficos que tiveram diferentes abordagens sobre o conceito de pessoa, e conclui que “o fenômeno do obscurecimento do conceito de pessoa humana [...] é o resultado de uma crise teórica que se reflete, em certa dose, na ‘crise do sujeito’ e na ‘crise da razão’, ambos predicativos da filosofia contemporânea” (FERNANDES, 2018, p. 40).

André G. Fernandes identifica duas grandes tendências na busca por respostas à pergunta fundamental: “o que é uma pessoa?”

a) Reducionista ou separatista: propõe uma distinção entre o conceito de pessoa e o de ser humano, fundamentando teorias que sustentam que o ser humano se torna uma pessoa sob determinadas condições – o embrião humano, segundo tal corrente, não seria uma pessoa desde a fecundação, mas tornar-se-ia em algum momento posterior, o que significa afirmar a existência de seres humanos que ainda não seriam pessoas. Segundo a teoria reducionista, um primeiro

momento do advento da pessoa seria a nidação, o processo de implantação do óvulo fecundado no útero, seguido da formação do sistema nervoso central (segundo momento), para, no terceiro momento, se dar a formação do córtex cerebral, condição mínima para a existência da racionalidade. A pessoa passaria a existir no momento em adquire sua autoconsciência, a capacidade racional de entender e de comportar-se segundo esse entendimento. Fernandes (2018, p. 47) adverte que esta teoria separatista erra ao “atribuir a presença de uma função (a racional) à uma hipótese abstrata; algo impossível, pois a função não pode ser separada do sujeito ontológico [...] No rigor dos princípios, uma pessoa em estado de embriaguez não seria pessoa até que a ressaca sumisse”.

b) Unitiva: afirma uma “identidade intrínseca (em princípio e de fato) entre pessoa e ser humano, correspondendo à ortodoxia da tradição especulativa ocidental.” (FERNANDES, 2018, p. 42), em consonância com as visões cristãs tradicionais. A teoria unitiva sustenta que “o ser humano ‘é’ uma pessoa em virtude de sua natureza racional, e não que se ‘torna’ uma pessoa em razão do exercício específico de algumas funções. O ser pessoal pertence à dimensão ontológica e o ser humano não é mais ou menos uma pessoa: é uma pessoa ou não é” (FERNANDES, 2018, p. 52).

A aplicação das teorias reducionistas tem influenciado decisões políticas e jurídicas com efeitos práticos em diversas sociedades. Os defensores do aborto se empenham para excluir a propriedade pessoal dos embriões, reforçando suas premissas *ad nauseam* a fim de fazer com que suas ideias soem verdadeiras e sejam aceitas como tais. Francisco Razzo (2017, p. 109) argumenta que a discussão sobre as práticas abortivas “precisa antes de tudo ser pensada a partir desse panorama retórico e político, e o que se promove como ‘debate’ não passa de propaganda em defesa do aborto.” Ele alerta que “como o aborto é tematizado só a partir do domínio da mulher sobre o próprio corpo, qualquer discussão filosófica acerca da humanidade do embrião precisa ser rechaçada, ridicularizada e combatida” (RAZZO, 2017, p. 110). John Frame (2013, p. 694) atesta que “o argumento atual não é que as crianças não nascidas não são pessoas completas. O argumento atualmente dominante é que restringir o aborto significa oprimir as mulheres ao limitar suas escolhas”.

William Lane Craig (2010, p. 126) refuta as teorias reducionistas e afirma que desde a concepção é estabelecido o genótipo de uma pessoa. Ele contrasta o embrião humano completo com o esperma e com o óvulo não fecundado,

mostrando que estes últimos, se deixados isolados, não se desenvolverão. O embrião, por sua vez, forma uma pessoa singular com todos os traços do indivíduos tais como estrutura corporal, olhos e cabelo, características faciais, e assim por diante, sendo tais características determinadas na fecundação, aguardando apenas para serem reveladas depois. Desta forma, temos um ser humano geneticamente completo e singular desde o momento da concepção. “Qualquer tentativa de traçar uma linha e declarar um ser como ‘não humano antes desse ponto, mas humano depois de tal ponto’ é totalmente arbitrária e sem fundamento biológico” (CRAIG, 2010, p. 126-7). Francisco Razzo (2017, p. 54) defende que “assim como uma criança não é menos humana por ser criança, um embrião não é menos pessoa por ser um embrião.” Lane Craig reforça sua posição ao descrever em detalhes as fases iniciais da gestação:

O óvulo humano fertilizado é praticamente uma explosão de vida. Dezoito dias após a concepção, o coração começa a ser formar, e três dias depois já começa a bater. Nessa fase da gravidez, a maioria das mulheres ainda nem sabe que está grávida. E a grande maioria dos abortos acontece depois desse estágio. Isso significa que virtualmente todo aborto interrompe o batimento de um coração - de um coração humano! Além disso, depois de 30 dias o bebê já tem um cérebro e com 40 dias ondas cerebrais já podem ser medidas. Em 2005, mais da metade dos abortos realizados nos Estados Unidos aconteceram nesse estágio ou depois dele. Na oitava semana (de existência do feto), mãos e pés estão quase prontos. Na nona semana já se podem ver pequenas unhas das mãos e dos pés, e o feto pode até mesmo conseguir chupar o dedo [...] Todos os órgãos do corpo já estão presentes, e os sistemas muscular e circulatório estão completos. Com dez semanas o bebê já tem delicadas impressões digitais e já está totalmente em movimento, chutando e se movendo, fechando e abrindo suas pequenas mãos e ondulando os dedos dos pés. Atrás de suas pálpebras fechadas seus olhos estão quase plenamente desenvolvidos. Inacreditavelmente, já a essa altura, as características faciais começam a se assemelhar à dos seus pais! [...] Ninguém que tenha visto fotos de infantes no ventre entre a oitava e a décima segunda semana pode honestamente negar a existência de um bebê humano [...] Como meu ex-pastor certa vez disse: “se os ventres tivessem janelas, não haveria mais abortos” (CRAIG, 2010, p. 127-9).

Um exemplo chocante da verdade descrita acima é a experiência do médico Bernard Nathanson (1926-2011), conhecido como o “rei do aborto”, descrita pelo médico brasileiro Hélio Angotti Neto em sua obra “Disbioética – volume II.” Nathanson teve importante papel na legalização do aborto nos Estados Unidos, tendo realizado procedimentos abortivos e chefiado clínicas de aborto, o que fez com que tivesse participação direta ou indireta na eliminação de mais de 75 mil vidas. Sua percepção do tema começou a mudar com o advento da ultrassonografia. Angotti Neto (2018, p. 76) descreve o relato perturbador do “rei do aborto”: ao observar “as reações do feto no momento em que o mesmo era destruído pela sucção ou aspiração, Nathanson parou de viver na abstração de seu próprio mal e percebeu com concretude a extensão do terror praticado. Ali estava uma vida sendo destruída, ao vivo, na televisão.” O médico abandonou sua prática, assim como outros médicos abortistas que também o fizeram após assistir o que de fato acontecia no útero materno durante suas intervenções. Bernard Nathanson tornou-se membro do movimento pró-vida americano, e produziu dois impactantes documentários desprezados pela grande mídia secular: *The silent scream* [O grito silencioso] e *The eclipse of reason* [O eclipse da razão]. Também redigiu a autobiografia *The hand of God: a journey from death to life by the abortion doctor who changed his mind* [A mão de Deus: uma jornada da morte à vida do médico que realizava abortos e mudou a forma de pensar]. Ele denunciou o comércio de órgãos de bebês abortados, já em vigor na década de 1980, e ao fim de sua trágica e intensa vida, converteu-se ao cristianismo.

Como bem observado pela jurista Janaína Paschoal em sua manifestação “O direito das mulheres sobre seus próprios corpos justifica impedir outras mulheres de nascer?” dirigida ao Supremo Tribunal Federal no âmbito da ADPF 442, a justificativa para o aborto tendo como base o conceito de que o embrião não é uma pessoa abre caminho para outras práticas desumanas. “O argumento de que só é pessoa constitucional quem pode tomar decisões próprias coloca em risco todos os indivíduos [...] Se o critério é viabilidade, tem-se que, em regra, os fetos se revelam bem mais viáveis que a maior parte dos portadores de doenças terminais.” (PASCHOAL, apud FERNANDES, 2018, p. 218). Tal conclusão não é apenas hipotética, como pode ser observado, por exemplo, nos escritos do filósofo H. Tristram Engelhardt Jr., autor da obra “Os fundamentos da bioética”. Ele defende que pessoas são seres humanos capazes de preocupação e competência moral,

autonomia e liberdade, e chega a afirmar que “os fetos, os recém-nascidos, os retardados mentais graves e os que estão em coma sem esperança constituem exemplos de não pessoas humanas” (ENGELHARDT, apud RAZZO, 2017, p. 184).

Um dos desenvolvimentos mais macabros do pensamento de autores como Engelhardt é o infanticídio de bebês recém-nascidos, chamado de aborto tardio por militantes que se valem de eufemismos para emplacar suas ideias nauseantes. O autor Peter Singer chega a afirmar que, pelo fato de recém-nascidos não terem capacidade de desejar continuar vivendo e por não serem autônomos, capazes de fazer escolhas, “matar um recém-nascido não pode violar o princípio do respeito pela autonomia. Em tudo isso, o recém-nascido está em pé de igualdade com o feto” (SINGER, apud FERNANDES, 2018, p. 232). Ou seja, o raciocínio aplicado ao feto é desdobrado e chega aos recém-nascidos, tendo potencial para ir além e alcançar outros grupos de pessoas, em uma espiral descendente que denuncia a decadência moral de uma sociedade secularizada. A precisa afirmação do celebrado autor John Stott (2019, p. 472) faz-se necessária e urgente: “o feto não é um tumor no corpo da mãe, nem mesmo um ser humano em potencial, mas já uma vida humana que, apesar de não ser madura ainda, tem o potencial de crescer para a plenitude da humanidade individual que ele ou ela já possui.” Assim, o embrião humano deve ser protegido e preservado, assim como aqueles que possuem alguma limitação física e/ou psíquica, uma vez que “os que nunca tiveram ou os que perderam certas capacidades tipicamente humanas não devem ser descritos como não pessoas; em vez disso, são simplesmente os membros mais frágeis e desfavorecidos da comunidade humana” (MEILAENDER, 2009, p. 51). John Stott (2019, p. 466) afirma:

Devemos ser “pró-escolha” no sentido de que reconhecemos o direito da mulher de decidir se ela quer ter um bebê ou não. Mas o momento de exercer esse direito e de fazer a escolha (ainda supondo que a mulher não tenha sido forçada) é antes da concepção, não depois. Uma vez que tenha engravidado, seu filho possui direitos independentes antes e depois do nascimento.

O filósofo Francisco Razzo (2017, p. 56), ao comentar sobre as duas abordagens encontradas nas discussões sobre o aborto – o direito à vida do embrião e a autonomia da mulher, afirma: “mostrarei como essa distinção de abordagens é artificial. A defesa do aborto será sempre determinada pela compreensão acerca da

vida humana por nascer e do respeito que ela impõe desde os seus estágios iniciais de existência.” Razzo desenvolve um rico argumento filosófico para evidenciar que a disputa entre o direito à vida do nascituro e o direito à liberdade da gestante, embora pareça insolúvel, não passa de um aparente conflito. Ele argumenta que, mesmo que pareça que dois valores absolutos estão em confronto, a saber, a vida e a liberdade, “há, na verdade, um valor absoluto, vida, e outro relativo, liberdade [...] Liberdade não é um direito absoluto [...] A liberdade é um princípio vazio. Só faz sentido falar em liberdade quando acompanhada da vontade e da razão” (RAZZO, 2017, p. 56-7). Desta forma, o direito da mulher em ter liberdade para fazer o que quiser com o próprio corpo é limitado pelo valor absoluto da vida do bebê em seu ventre, sendo verdadeiro o popular que diz: “o direito de um acaba quando começa o do outro”.

Razzo ressalta que “o corpo do embrião é objetivamente distinto do corpo da mulher. Ou seja, são duas entidades reais distintas e autônomas, não obstante a vida em gestação dependa da vida da gestante para a sua sobrevivência. A real distinção entre os dois é absoluta; a dependência, relativa” (RAZZO, 2017, p. 64). Desta forma, embora a discussão atual esteja focada na liberdade sexual das mulheres, a ênfase na humanidade do feto deve ser abordada como um valor absoluto, sendo crucial preservar e proteger a vida do bebê no ventre de sua mãe. É propícia a declaração da jurista Janaína Paschoal (apud FERNANDES, 2018, p. 11): “crianças, em escolas públicas e privadas, são ensinadas que o aborto é um direito fundamental da mulher. Ora, não existe: simplesmente não pode existir, um direito fundamental sobre a vida do outro.” Sendo assim, seja a partir de argumentos filosóficos, éticos, jurídicos ou teológicos, a preservação do embrião deve ser uma prioridade, e sua negação constituirá em assassinato, mesmo que filósofos, escritores e juristas seculares, ou teólogos liberais, queiram argumentar de forma contrária.

b. Os riscos do aborto

O segundo tópico que a militância pró-aborto omite do público, segundo John Frame, trata dos riscos do aborto para a saúde da gestante. Por vezes, esse tema surge na agenda progressista apenas para destacar o perigo que o aborto clandestino representa para as mulheres, com o claro intuito de afirmar que a solução para tal problema é a legalização da prática. Este é um argumento falho, pois, mesmo

com a descriminalização da prática abortiva, procedimentos ilegais podem continuar existindo por uma série de razões, como o desejo de não deixar rastros em casos de relações extraconjugais, ou por razões econômicas, uma vez que o aborto ilegal pode ser menos custoso. Afirmar que não adianta punir o aborto porque ele continuará ocorrendo é uma premissa falsa, como Janaína Paschoal (apud FERNANDES, 2018, p. 8), doutora em direito penal, esclarece: “também os homicídios continuam sendo praticados, apesar da proibição. Com efeito, muito embora tenhamos mais de sessenta mil homicídios por ano, por enquanto ninguém ousou sugerir que o artigo 121 do Código Penal fosse abolido.”

Ainda sobre os riscos do aborto para a mãe, existe uma dimensão que raramente é citada no debate público: os danos psíquicos e emocionais vivenciados por mulheres que abortaram. David Platt (2016, p. 81) afirma que “o aborto tem sido chamado de assassino silencioso — não apenas de bebês, mas de mães que carregam feridas profundas e cicatrizes amargas em sua história.” John Stott (2019, p.492, n.8) cita obras como a do psiquiatra Dominic Beer, autor do artigo “*Psychological Trauma After Abortion*” (“Traumas psicológicos pós-aborto”). Beer ressalta os efeitos danosos para a saúde mental da mulher que sofreu o aborto, o que pode incluir depressão, internação psiquiátrica e até mesmo suicídio. Muitas mulheres que abortaram apresentam em algum momento da vida sintomas da chamada neurose do aborto. “O Dr Balthasar Staehelin, famoso psiquiatra cristão de Zurique, confessa que a neurose do aborto é uma realidade com a qual ele se vê confrontado diariamente” (REIFLER, 1992, p. 133). Janaína Paschoal (apud FERNANDES, 2018, p. 211) afirma que “quem já se dispôs a efetivamente ouvir mulheres que realizaram abortos sabe a dor que tal procedimento acarreta.” Alguns casos públicos tornaram-se emblemáticos, como os seguintes:

Na história de pessoas que decidiram abortar, não são incomuns depoimentos sinceros de mulheres arrependidas com escolhas que fizeram. Preço a se pagar mais à consciência do que à justiça [...] O exemplo mais famoso de arrependimento relacionado ao aborto é de Norma L. McCorvey, do caso *Roe versus Wade*, de 1973 [...] Curiosamente, McCorvey não abortou a filha porque os juízes não concluíram o julgamento a tempo, mas se arrependeu por ter influenciado a liberação da prática nos Estados Unidos e por seu caso ter gerado todo o debate atual a respeito [...] No Brasil, há dois exemplos: Sara Winter e Elba Ramalho.

Engajada em movimentos feministas radicais, Winter narra em livro que inclusive chegou a praticar abortos. Convertida ao catolicismo, tornou-se uma das mulheres mais atuantes na defesa da vida do embrião e da mulher. A cantora Elba Ramalho também se tornou exemplo de quem se arrependeu profundamente dos erros de ter praticado um aborto, e hoje é considerada uma das vozes mais simbólicas dos movimentos pró-vida no país (RAZZO, 2017, p. 24-5).

c. As alternativas ao aborto

A terceira denúncia feita por John Frame sobre a conduta pública dos defensores do aborto é a omissão das possíveis alternativas ao aborto. David Platt apresenta um comovente relato pessoal a partir da dramática situação vivida por mulheres na China. O país asiático contabiliza mais de 35 mil abortos diários, e mais de 50% das mulheres já praticaram ao menos um aborto de forma voluntária ou por determinação do Estado, uma vez que vigora naquela nação uma rigorosa política de controle populacional. Ele relata:

Não sei todos os detalhes dessa mãe em particular, mas sei com certeza que quando engravidou não acreditava que poderia cuidar do seu bebê. Contudo, ela se recusou a abortar. Em vez disso, levou até o fim a gravidez e, sozinha, deu à luz uma menininha preciosa. Em seguida, tomou aquele bebê recém-nascido, embrulhou-o em uma manta azul-clara e o colocou em uma caixa de papelão marrom. No meio da noite, deixou-o em frente a um orfanato para crianças com necessidades especiais. As pessoas do orfanato encontraram o bebê na manhã seguinte e procuraram a mãe, mas não a encontraram. Embora eu não saiba quem seja essa mãe, agradeço a Deus por ela. Graças à sua coragem de recusar o aborto, e graças à compaixão pelo bebê que ainda não havia nascido, aquela menininha sobreviveu. Todos os dias, quando chego do trabalho, aquela garotinha vem correndo em minha direção com um sorriso estampado no rosto, pula nos meus braços e grita “Papai!”, depois me dá o abraço mais apertado que você pode imaginar. Todas essas crianças valem a pena. Que tenhamos a convicção, a compaixão e a coragem de fazer tudo o que pudermos para deter o holocausto moderno à nossa volta (PLATT, 2016, p. 98).

David Platt e Heather, sua esposa, apoiam um orfanato chinês e se dispuseram a adotar a pequena bebê chinesa trazendo-a para o seu lar e cuidando dela

juntamente com seus filhos biológicos. Muitos outros relatos podem ser somados à esta bela história, inclusive de casais que não puderam ter filhos e encontraram na adoção um novo sentido e alegria em suas vidas. Infelizmente histórias desse tipo não são divulgadas com frequência por conta do empenho de grupos favoráveis ao aborto em omitir as alternativas à eliminação da vida no ventre das mães. John Frame menciona o artigo de Marvin Olasky, “*Forgotten choice*” (“Opção esquecida”) na revista *National Review*, que relata que “os defensores da ideologia da moda agora estão tentando desacreditar a adoção, usando imagens de padrapos perversos e molestadores de crianças, muito embora a maioria das adoções funcione bem.” (FRAME, 2013, p. 695). Além da adoção por outros casais, alternativas podem ser consideradas como a adoção dentro da própria família, o que acontece quando algum parente próximo assume a criança. Hans Reifler (1992, p. 136) apresenta ainda outras possibilidades como o apoio ao planejamento familiar consciente, a ênfase na responsabilidade paterna, o amparo à ordem familiar, mesmo quando numerosa, e o apoio a orfanatos e a iniciativas de educação para crianças abandonadas, tendo sempre como objetivo honrar, proteger e preservar a vida dos inocentes.

Uma opção também pouco divulgada é o acompanhamento psicológico da gestante visando soluções em prol da vida. Não é incomum que mulheres que pensam em abortar, quando acolhidas e aconselhadas, escolham dar continuidade à gravidez e até mesmo acabem optando por ficar com os seus bebês. Como bem observou Francisco Razzo (2018, p. 27): “uma mulher prestes a interromper a gravidez não precisa de argumentos filosóficos. Ela precisa de apoio de sua família, de seus amigos, pais, enfim, do generoso acolhimento de sua comunidade.” John Frame (2013, p. 695) afirma:

O elemento de misericórdia, penso eu, precisa ser enfatizado muito mais do que tem sido no movimento a favor da vida. Quando lidamos com mulheres que estão enfrentando essa terrível escolha, devemos nos chegar a elas como ministros de misericórdia. Assim, devemos fazer com que nossa mensagem soe de maneira misericordiosa – muito mais do que fizemos no passado [...] O evangelho traz misericórdia às crianças não nascidas, é claro. Mas também apresenta misericórdia a mulheres com suas “gravidezes problemáticas”. Nunca antes essas mulheres, em toda a sua dor, medo e até desespero, estiveram tão sujeitas à manipulação ideológica.

1. O aborto em situações especiais

John Stott (2019, p. 463) revela que “mais de 98% dos abortos são realizados por razões ‘sociais’, e menos de 1 em mil abortos é realizado por risco à vida da mãe”. Embora a maior parte dos procedimentos abortivos tenha outras motivações, a possibilidade de aborto em situações especiais como o risco à vida da gestante, estupro, incesto e pedofilia mobiliza a maior parte das discussões sobre o tema. Essa ênfase é esperada devido às fortes emoções e reações que tais circunstâncias suscitem, mas, infelizmente, também é usada por grupos pró-aborto para implementar sua agenda de liberação da prática em outras situações. Hans Reifler (1992, p. 131-3) indica quatro razões que são apresentadas para justificar o aborto:

- a) A indicação médica ou terapêutica, quando a vida da mãe se encontra em risco;
- b) A indicação ética, criminológica e jurídica, o “aborto de honra”, em casos de estupro;
- c) A indicação eugênica ou genética, considerada quando anomalias genéticas são identificadas no feto;
- d) A indicação social, quando a mãe afirma não ter condições de criar a criança.

A primeira indicação, médica ou terapêutica, divide opiniões mesmo entre cristãos. Alguns adeptos do aborto expandem questões de saúde física e emocional da mulher para inclui-las nesse caso, como denuncia Hans Reifler (1992, p. 132): “a indicação terapêutica é muito rara. O que acontece na realidade é que ela geralmente é ampliada, passando a abranger a indicação psíquica, que nos países civilizados representa hoje 95% dos abortamentos”. Reifler defende que se deve tentar salvar a vida da mãe e do embrião, alegando que a vida da mãe está nas mãos de Deus, enquanto a vida da criança é eliminada arbitrariamente pelo homem. John Frame, embora contrário ao aborto de forma em geral, inclusive em casos de estupro e incesto, e no caso de anomalias genéticas do bebê, entende que a preservação da vida da mulher, em casos extremos, pode representar uma excepcionalidade: “faço uma exceção à minha posição geral em favor da vida: no caso de que a continuação da existência da criança ameace a vida física da mãe. Essa situação é rara, mas ocorre.” (FRAME, 2013, p. 691). Ele

cita como exemplo a gravidez ectópica, quando o óvulo fertilizado se implanta nas trompas de Falópio, o que indica que a criança não sobreviverá. Nesse caso, os médicos precisam retirar a criança para preservar a vida da mãe, o que Frame considera eticamente correto.

A segunda indicação, a ética, criminológica e jurídica, conhecida também como “aborto de honra”, é considerada em casos de estupro. Frame (2013, p. 691), ao abordar o aborto em casos de deformidades na criança ou pelo controle do crescimento da população, afirma:

Matar uma criança não nascida por essas razões também é errado. Penso que o mesmo é verdadeiro quanto às questões mais sérias do estupro e do incesto. É preciso simpatizar com as mulheres que não desejam dar à luz crianças que as lembrem de tais experiências trágicas. Essas mulheres precisam de muito amor e aconselhamento. No entanto, no final das contas, não devemos matar alguém porque essa pessoa é fruto do estupro e do incesto. Não devemos matar uma criança pelos pecados do pai. O pai é culpado; a criança é inocente.

O juiz André G. Fernandes (2018, p. 95) segue semelhante entendimento e afirma que, “se, por um lado, o dramatismo real vivido pela mãe, via de regra, indelével existencialmente, deve nos tocar amplamente os afetos, por outro, o maior ou menor nível desta tragédia não é fator justificante para o cometimento do aborto.” A gravidez em caso de estupro ou incesto é trágica para a mulher e para os seus familiares, e alguns alegam que o crescimento do bebê em seu ventre representa a materialização da agressão sofrida pela mãe, o que justificaria o aborto. Embora as dores psíquicas da mãe durante a gestação de um bebê fruto desse tipo de violência sejam imensuráveis, isso não justifica que o feto seja eliminado. Seguindo o entendimento defendido aqui, a morte do bebê não é justificável mesmo nesses casos sensíveis e dolorosos. O que deve ser estimulado é o apoio à mulher que sofreu tal abuso, inclusive apresentando a ela as alternativas viáveis ao aborto, algumas delas descritas acima.

No caso da indicação genética, considerada quando anomalias são identificadas no feto, e na quarta e última indicação descrita por Reifler, a indicação social, quando a mãe afirma não ter condições de criar a criança, os mesmos princípios apresentados acima se aplicam. Embora o cuidado de crianças com deformidades genéticas seja trabalhoso e dispendioso, isso não justifica a eliminação

de sua vida. Assim como a mulher vítima de estupro deve ser apoiada e suprida emocionalmente e, se for o caso, economicamente, as famílias que tem crianças com doenças graves devem receber suporte familiar, comunitário e estatal. As mulheres que afirmam não ter condições de criar seus filhos por questões econômicas ou familiares devem ser apoiadas, sem abdicar de suas responsabilidades. Assim como em outros casos especiais, as alternativas a favor da vida devem ser apresentadas e estimuladas. A história de um dos maiores músicos de todos os tempos ilustra de forma marcante essa realidade, uma vez que sua configuração familiar apresentava graves riscos à sua vida quando ele foi gerado:

Jacques Monod, biólogo francês, prêmio Nobel de Medicina (1965), depois de defender numa conferência a racionalidade do aborto nos casos de uma previsível deformidade da criança, foi interpelado por um dos assistentes nos seguintes termos [...] “Se o senhor soubesse de um pai sífilítico e uma mãe tuberculosa que tiveram quatro filhos, dos quais o primeiro nasceu cego, o segundo morreu ao nascer, o terceiro é surdo-mudo, o quarto tuberculoso, o que o senhor faria quando a mãe engravidasse pela quinta vez?” Monod respondeu categoricamente: “eu interromperia a gravidez”. Ao que o interlocutor redarguiu: “Pois o senhor teria matado Beethoven” (FERNANDES, 2018, p. 97-8).

O relato acima revela que a decisão a favor da vida de uma família em situações muito adversas legou à humanidade um dos maiores talentos musicais de toda a história. André G. Fernandes (2018, p. 98) faz um alerta que denuncia a hipocrisia oculta em muitos discursos do tipo “politicamente correto”: “caso haja uma certeza absoluta acerca da deformidade da criança, certamente o aborto não é um bem para ela. Sob o pretexto de comiseração, os pais e a sociedade ocultam que não estão dispostos a aceitar esse tipo de filho.” Além do que foi posto, há a necessidade de denunciar as políticas eugenistas implementadas por regimes totalitários, como ocorreu na Alemanha Nazista. Francisco Razzo (2017, p. 142) faz um alerta sobre esse tema, e mostra que existe uma similaridade filosófica, mesmo que sutil, com a atual retórica pró-aborto: “o grande problema da escravidão e do Holocausto foi o esvaziamento da dignidade da pessoa referente aos negros e aos judeus baseado em falsas opiniões sobre a realidade humana, como no atual caso do aborto — só que nessa situação referente à vida intrauterina.”

Conclusão

Embora o tema da legalização do aborto seja sensível e provoque emoções e reações diversas, a motivação dos seus defensores frequentemente está ancorada no desejo de liberdade sexual sem restrições e alheio às consequências. Como visto, caso especiais existem e devem ser tratados com seriedade, compaixão e responsabilidade, mas o que muitas vezes ocorre é que as situações excepcionais são utilizadas como ponte para levar à liberação generalizada do aborto. No contexto do comércio sexual que apresenta produtos como preservativos, anticoncepcionais e a pílula do dia seguinte, “o aborto representa a última garantia oferecida ao consumidor do mercado do sexo, pois se tudo antes falhar, a resultante incômoda – o filho — poderá ser eliminada” (FERNANDES, 2018, p. 91).

Sobre a preocupação com os direitos das mulheres, a jurista Janaína Paschoal (apud FERNANDES, 2018, p. 215) afirma com precisão: “sexo livre e sem responsabilidade não favorece as mulheres, apenas facilita a vida dos homens. Aliás, o amadurecimento de uma sociedade passa por fomentar a paternidade responsável e não a maternidade descomprometida.” John Stott (2019, p. 464), após expor alguns números alarmantes de abortos em diferentes países, atesta que “qualquer sociedade que tolera o aborto nessa escala deixou de ser civilizada.” Ele apresenta “um chamado para a ação”, convocando os cristãos a tomarem as seguintes atitudes:

- a) Arrependimento pela passividade diante da tragédia humanitária representada pelas inúmeras perdas em vidas humanas ceifadas pela prática abortiva;
- b) Disposição para assumir total responsabilidade pelos efeitos de uma política de aborto mais restritiva, garantindo que bebês não desejados por seus pais não sejam indesejados pela sociedade em geral e pela igreja em especial;
- c) Apoio a campanhas educacionais e sociais positivas, sobretudo nas escolas, que esclareçam a gravidade do aborto como uma afronta à sacralidade da vida humana, e apresente políticas públicas responsáveis, além de alternativas à prática abortiva;
- d) Afirmação que, “mais importante do que educação e ação social, por mais vitais que sejam, é a boa-nova de Jesus Cristo [...] Ele nos chama

para tratarmos toda a vida humana com reverência, seja o nascituro, seja o recém-nascido, seja o deficiente, seja o senil” (STOTT, 2019, p. 484).

Referências bibliográficas

- ANGOTTI, Hélio. *Disbioética: reflexões sobre os rumos de uma estranha ética* (Brasília: Monergismo, 2018). vol. 2.
- CRAIG, William L. *Apologética para questões difíceis da vida* (São Paulo: Vida Nova, 2010).
- FERNANDES, André G. *Livre para nascer: o aborto e a lei do embrião humano* (Campinas: Vide Editorial, 2018).
- FERREIRA, Franklin, MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual* (São Paulo: Vida Nova, 2007).
- FRAME, John. *A doutrina da vida cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2013).
- _____. *Apologética para a glória de Deus: uma introdução* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).
- MEILAENDER, Gilbert. *Bioética: uma perspectiva cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2009).
- MCGRATH, Alister. *Apologética pura & simples: como levar os que buscam e os que duvidam a encontrar a fé* (São Paulo: Vida Nova, 2013).
- MOHLER, Albert. *Desejo e engano: o verdadeiro preço da nova tolerância sexual* (São José dos Campos: Fiel, 2018).
- _____. *Não podemos nos calar: o anúncio da verdade a uma cultura que redefine sexo, casamento e o próprio significado de certo e errado* (São Paulo: Cultura Cristã, 2019).
- PLATT, David. *Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia* (São Paulo: Vida Nova, 2016).
- RAZZO, Francisco. *Contra o aborto* (Rio de Janeiro: Record, 2017).
- REIFLER, Hans Ulrich. *A ética dos dez mandamentos: um modelo de ética para os nossos dias* (São Paulo: Vida Nova, 1992).
- STOTT, John. *O cristão em uma sociedade não cristã: como posicionar-se biblicamente diante dos desafios contemporâneos* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019).
- SPROUL, R.C. *Abortion: a rational look at an emotional issue* (Lake Mary: Reformation Trust, 2010).

A celebração da morte na Argentina. Franklin Ferreira. Disponível em:
<<https://coalizaopeloevangelho.org/article/a-celebracao-da-morte-na-argentina/>>. Acesso em: 25 jul. 2022.



Felipe Lydia

Sobre o autor

Formado em Teologia pelo Instituto Bispo Roberto McAlistier de Estudos Cristãos (2010) e pelo Seminário Martin Bucer (2022), é pastor da Igreja Cristã Nova Vida no bairro do Anil, no Rio de Janeiro/RJ. Liderou o Geração Ação, ministério de jovens da Aliança das Igrejas Cristãs Nova Vida (2013-2019), tendo ministrado palestras e cursos sobre diferentes temas. Casado com Tatiana, com quem tem três filhos: Daniel, Raquel e João.

A Bíblia como literatura: entrevista com Leland Ryken

Leland Ryken



A Bíblia é um tesouro inestimável que, além de sua natureza sobrenatural, se destaca como uma obra-prima de literatura. Em outubro, Edições Vida Nova lançará a primorosa obra *Uma introdução literária à Bíblia*, de Leland Ryken, estudioso da Bíblia e Literatura, e, para explorar mais sobre o assunto, convidamos o autor para uma entrevista exclusiva à revista Teologia Brasileira.

Leland Ryken (PhD, University of Oregon) é professor emérito de Literatura Inglesa no Wheaton College. É orador frequente nos encontros anuais da Evangelical Theological Society e serviu como orientador de estilo para a edição da English Standard Version Bible. É autor, coautor ou editor de quase quarenta livros, entre eles, *A complete handbook of literary forms in the Bible*, *Effective Bible teaching* e *Pastors in the classics*.

Teologia Brasileira: Que tipo de livro é a Bíblia?

Leland Ryken: Para os fins desta entrevista, a resposta correta é que, em sua forma externa, a Bíblia é uma antologia literária. Uma antologia é uma coleção de textos escritos por múltiplos autores ao longo de muitos anos ou séculos. Além

disso, uma antologia geralmente é composta por múltiplos gêneros ou formas literárias. É exatamente isso que encontramos na Bíblia. O resultado é que a Bíblia é um livro notável por sua variedade, em contraste com a tendência comum de reduzir a Bíblia a um único tipo de material.

Teologia Brasileira: O que significa ler a Bíblia como literatura?

Leland Ryken: Este é um tópico muito amplo, mas o princípio fundamental é que ler a Bíblia como literatura requer que a leiamos de acordo com o tipo de livro que ela é. É assim que devemos ler qualquer obra escrita. A Bíblia é em grande parte composta por textos literários, portanto, para lê-la de acordo com o tipo de livro que é, precisamos aplicar métodos comuns de análise literária. Isso começa reconhecendo que uma obra literária não é um sistema de entrega de uma ideia, mas sim a apresentação da experiência humana, retratada de forma tão concreta que vivemos as experiências vicariamente em nossas mentes. Um segundo traço fundamental da literatura é que ela é expressa em gêneros distintamente literários, como história e poesia, portanto, isso também faz parte de nossa definição de como ler a Bíblia como literatura. Uma resposta mais detalhada sobre como ler a Bíblia como literatura pode ser encontrada em meu livro *Uma introdução literária à Bíblia*.

Teologia Brasileira: Existe uma unidade literária na Bíblia?

Leland Ryken: Apesar da diversidade de suas partes, a Bíblia possui vários elementos unificadores. A estrutura geral da Bíblia é uma história ou narrativa que possui um começo, um meio e um fim, como todas as histórias. De uma perspectiva, a história predominante da Bíblia é a narrativa da história universal da raça humana. Também é a história da salvação de Deus da humanidade caída, comumente chamada de história da salvação. O personagem central e unificador na história é Deus, e nenhuma pessoa ou ação pode ser compreendida sem referência a esse poderoso protagonista. Todas as histórias têm um conflito central na trama e, na Bíblia, é um conflito entre o bem e o mal. Um ponto final importante de unidade é que a Bíblia tem a unidade de uma antologia de diversos autores escrevendo em múltiplos gêneros ao longo de muitos anos.

Teologia Brasileira: Você afirma que a interpretação literária é um ato de descoberta, em vez de invenção. Pode elaborar sobre esse conceito e sua relevância para a leitura da Bíblia?

Leland Ryken: Dizer que a leitura e interpretação da Bíblia é um processo de descoberta significa simplesmente que a interpretação de um texto bíblico

precisa ser indutiva. Isso significa que todas as conclusões que tiramos do texto devem surgir do próprio texto, em vez de serem impostas a ele. Existe uma tendência em nossos círculos de começar um sermão ou estudo bíblico afirmando uma ou mais ideias e, em seguida, buscar provas de apoio no texto. A premissa central de uma abordagem literária da Bíblia é o oposto disso. A primeira tarefa de um leitor ou intérprete é experimentar e reviver o texto o mais plenamente possível. Antes de tudo, um texto literário nos dá uma experiência de vida. Grande parte de seu significado é transmitido pelo próprio ato de reviver o texto. A história de Caim em Gênesis 4.1-16 transmite a maior parte de seu significado à medida que vivenciamos vicariamente os eventos da narrativa. Uma generalização resumida no final do processo é importante, mas captura apenas uma fração do que a narrativa como um todo representa.

Teologia Brasileira: Você explora a ideia da integridade do texto na análise literária. O que você quer dizer com isso e como isso se aplica ao estudo da Bíblia como literatura?

Leland Ryken: A integridade do texto significa que ele precisa ser permitido a revelar seus significados usando os métodos apropriados ao tipo de escrita que possui, ou seja, seu gênero. Uma narrativa revelará seus significados à medida que revivemos a ação. Um aspecto disso é que precisamos fazer justiça à especificidade do texto, começando com (mas não se limitando a) seu gênero ou gêneros. Isso é exatamente o que se perde quando cada texto bíblico é abordado como se pertencesse a um único gênero amorfo, que geralmente é assumido como um conjunto de ideias. A primeira coisa que precisa chamar nossa atenção quando começamos a ler uma história bíblica são considerações sobre enredo, cenário e personagem. Para fazer justiça a um poema bíblico, precisamos interagir com as imagens e figuras de linguagem.

Teologia Brasileira: Qual é o papel da imaginação ao ler a Bíblia?

Leland Ryken: O papel da imaginação não se aplica principalmente ao leitor, mas sim ao autor e à natureza literária do texto. A literatura é uma apresentação da experiência humana em uma forma artística. A palavra “imaginação” tem a palavra “imagem” embutida nela. A literatura representa seu objeto. Também atribuímos os elementos de forma em um texto à imaginação. Portanto, o trabalho da imaginação foi principalmente realizado pelos autores da Bíblia, que incorporaram seu conteúdo da maneira usual na literatura. Como leitores,

exercitamos nossa imaginação seguindo o contorno que os autores traçaram. Por exemplo, se os poetas bíblicos pensam em imagens, nós, como leitores, também devemos fazê-lo. Isso é um ato de imaginação tanto pelo autor quanto pelo leitor.

Teologia Brasileira: Quais são os perigos de ler a Bíblia literalmente, ignorando seus mistérios, paradoxos e aspectos imaginativos?

Leland Ryken: É um princípio do discurso escrito e oral que declarações precisam ser interpretadas de acordo com a intenção do autor e a natureza inerente de uma declaração. Declarações literais precisam ser interpretadas literalmente, e declarações figurativas precisam ser interpretadas figurativamente ou não literalmente. Se violarmos esse princípio, simplesmente interpretaremos uma declaração de maneira equivocada. Deus não é literalmente um pastor, e Jesus não é literalmente luz. Eu ousaria dizer que, se tentarmos interpretar uma declaração figurativa literalmente, estaremos distorcendo completamente a declaração.

Teologia Brasileira: Você já falou sobre a importância da imaginação na leitura da Bíblia. Mas como a Bíblia em si pode moldar nossa imaginação, e qual é o impacto de uma imaginação formada pela Escritura na forma como nos envolvemos com outras obras literárias e artísticas em geral?

Leland Ryken: Tive uma carreira tão frutífera na área da Bíblia na literatura quanto na área da Bíblia como literatura. Eu vejo a relação entre a Bíblia e a literatura como uma via de mão dupla. Por um lado, lidaremos com os aspectos literários da Bíblia de maneira muito mais precisa se aplicarmos a eles o que sabemos sobre literatura em geral. Uma metáfora é uma metáfora, onde quer que a encontremos. Conflitos de enredo que se movem em direção à resolução de conflitos em narrativas bíblicas são semelhantes aos enredos de narrativas fora da Bíblia. Explorando a outra via, o que sabemos sobre a Bíblia e suas formas pode informar nossa compreensão da literatura em geral. Acredito que há algo elementar e prototípico na literatura da Bíblia. No meu ensino de literatura, quando apresento aos meus alunos de literatura inglesa uma forma como metáfora e narrativa, muitas vezes uso um texto bíblico para ilustrar minhas afirmações, como o Salmo 23 para metáfora e a história de Caim para narrativa ou história.

Teologia Brasileira: Quais autores você recomendaria para nutrir nossa imaginação?

Leland Ryken: Qualquer um dos autores clássicos ensinados em cursos de literatura nas escolas são bons mentores para nutrir nossa imaginação. Qualquer

autor, mesmo um autor infantil, que evita explicar tudo de maneira detalhada e, em vez disso, incorpora ou personifica a experiência humana de forma concreta, afirma o princípio essencial da literatura. Além disso, alguns autores são melhores do que outros em nos proporcionar beleza verbal e uma arte cuidadosamente elaborada.

Teologia Brasileira: Como você vê a abordagem de pregação centrada em Cristo? É possível pregar Cristo em passagens da Bíblia onde a presença de Cristo não é muito evidente, respeitando ao mesmo tempo o gênero literário do livro?

Leland Ryken: Acredito em uma abordagem indutiva para um texto bíblico. Quando um texto do Antigo Testamento não é cristológico por natureza, deve ser permitido que ele seja o que realmente é e não forçado a dizer algo que não diz. Os pregadores, de fato, devem pregar Cristo, mas se um texto em si não possui esse elemento, a mensagem cristocêntrica deve ser claramente anunciada como um “acréscimo” ou aplicação do texto. Manipular um texto para extrair uma mensagem cristocêntrica — em vez de adicioná-la como uma explicação mais completa da fé cristã — não é uma maneira correta de lidar com a Palavra de Deus. Não precisamos mostrar e inculcar maneiras erradas de ler textos bíblicos individuais para pregar Cristo.

Teologia Brasileira: Às vezes, em suas pregações, pastores gastam muito tempo explicando o significado das palavras, discutindo o contexto histórico e explorando outros detalhes técnicos incorporados naquela passagem específica, o que pode fazer com que a pregação pareça uma palestra. Como nossa abordagem de leitura da Bíblia como literatura pode melhorar a pregação expositiva de uma maneira que evoca beleza e admiração?

Leland Ryken: Gosto da forma como você formulou a pergunta, especialmente seu comentário de que um sermão pode parecer uma palestra. Tendo em vista que muitos pregadores e professores não sabem como analisar um texto de acordo com sua natureza inerente, eles recorrem a substitutos. Um deles é abandonar o texto em favor de vários tipos de contexto, incluindo contexto histórico. Outra maneira de evitar o texto é extrair uma ideia dele e depois desenvolvê-la. O antídoto é experimentar e reviver o texto o mais plenamente possível. Isso nunca soa como uma palestra.

Teologia Brasileira: Certos gêneros da Bíblia, como poesia, parábola e profecia, empregam linguagem figurativa, que você discute em seu livro. Você pode fornecer exemplos que demonstrem como a linguagem figurativa afeta a experiência do leitor?

Leland Ryken: Este é um tópico multifacetado, então fornecerei apenas o início de uma resposta. A primeira coisa que a linguagem figurativa faz por nós é nos ativar no processo de leitura e interpretação. Por exemplo, uma metáfora ou comparação afirma que *A é como B* — assim como a metáfora de Deus como um pastor. Tudo o que o poeta faz é nos entregar a comparação. Cabe a nós decidir como *A* é como *B*. Por meio desse ato, somos participantes no processo de comunicação. Além disso, os poetas pensam em imagens, que podem ser definidas como qualquer palavra que nomeie uma ação ou coisa concreta. Os leitores também precisam pensar em imagens, e quando o fazem, entram em contato com a experiência cotidiana — com pastos verdejantes e águas tranquilas, por exemplo. A escrita expositiva ou informativa, como a usamos no discurso cotidiano, é transparente e carrega seu significado de maneira evidente. O discurso literário, como poesia e narrativa, é indireto e requer que o leitor desvende os significados.

Teologia Brasileira: Qual é o papel das emoções na literatura, incluindo a Bíblia? Como você analisa os aspectos emocionais dos textos bíblicos, e como os leitores podem se conectar com essas emoções?

Leland Ryken: O ponto de partida é desenvolver uma consciência dos sentimentos que despertam em nós quando lemos uma obra de literatura. Outra forma de dizer isso é que precisamos ser leitores introspectivos. Acredito que nomear essas emoções é uma forma legítima de análise literária. O discurso literário é afetivo (envolvendo as emoções) por sua própria natureza. Ao longo de meus anos ensinando literatura, tenho citado um estudioso literário que disse que a literatura comunica sua verdade afetando o leitor, e que o leitor sabe o que está sendo comunicado sendo receptivo aos seus efeitos.

Teologia Brasileira: O que é o realismo literário e como os cristãos devem lidar com ele na Bíblia?

Leland Ryken: O realismo significa várias coisas nos círculos literários. Uma delas é o impulso de retratar ou registrar o que realmente acontece em nosso mundo, em contraste com a fantasia, que se especializa em se afastar dos fatos empíricos da vida. Além disso, o realismo acredita em não ignorar os aspectos não idealizados da vida. Na verdade, à medida que o realismo se consolidava cada vez mais como a voz dominante na literatura moderna, passou a se concentrar nas experiências feias e sórdidas da vida. O realismo na Bíblia significa que os escritores incluem os aspectos depravados da vida no mundo caído, garantindo assim

que a veracidade da vida tenha sido plenamente expressa. Mas o realismo da Bíblia nunca aprova o mal ou sugere que não podemos superá-lo, e oferece uma mensagem compensadora ou equilibradora de como a experiência caída pode ser superada. Também é importante notar que a Bíblia contém elementos de fantasia abundantes em suas seções visionárias e poéticas. A linguagem figurativa é semelhante à fantasia, afirmando que o que sabemos não é literalmente verdadeiro em nosso mundo.

Teologia Brasileira: Existe um gênero na Bíblia que é tipicamente mais “amigável ao leitor” para alguém que nunca leu a Bíblia e deseja começar?

Leland Ryken: O apelo da narrativa ou história é universal, em todas as idades. Um dos impulsos humanos mais universais pode ser resumido na frase “Conte-me uma história”. Portanto, as histórias da Bíblia são um bom ponto de partida para começar a se aprofundar na Bíblia como literatura. No entanto, preciso acrescentar a ressalva de que precisamos experimentar histórias como histórias — como uma interação de enredo, cenário e personagem, por exemplo. Ver uma história como um sistema de entrega de uma ideia não é experimentá-la como uma história. Outra ressalva que eu adicionaria é que não devemos ignorar a poesia da Bíblia simplesmente porque não é nossa forma comum de discurso. Aproximadamente um terço da Bíblia consiste em poesia. Deus obviamente espera que entendamos e desfrutemos a poesia. Acrescentaria também que, em praticamente todas as culturas, a poesia precedeu a prosa como uma forma bem-sucedida de escrita. Precisamos resistir à pressão em alguns círculos de não ensinar ou pregar a partir da poesia da Bíblia.



Leland Ryken

Sobre o autor

(PhD, University of Oregon) é professor emérito de Literatura Inglesa no Wheaton College. É orador frequente nos encontros anuais da Evangelical Theological Society e serviu como orientador de estilo para a edição da English Standard Version Bible. É autor, coautor ou editor de quase quarenta livros, entre eles, *A complete handbook of literary forms in the Bible*, *Effective Bible teaching* e *Pastors in the classics*.

A maior história de todos os tempos¹: reconhecendo a cosmovisão cristã em clássicos do cinema²

Wandick Leão Féres



Eventos reais ou fictícios são contados e recontados por meio de diferentes produtos comerciais, um deles são os filmes. O cinema americano, por exemplo, produziu grandes clássicos como *Superman*, *Star Wars* e *Matrix*. Nesse artigo observamos as similaridades do enredo e dos protagonistas dessas obras com Jesus Cristo, que é a história e o principal personagem de todos os tempos.

“A maioria das culturas deste mundo ensina lições por meio de histórias”³.

¹Depois de submetido o texto para a revista de teologia brasileira, descobri que existe um filme norte-americano de 1965, cujo título original é *The greatest story ever told*. Nele é retratada a história de Jesus Cristo desde o Natal até a sua Ressurreição. O filme inclusive recebeu cinco indicações ao prêmio do Oscar. Curiosamente, a tradução do título para o português é exatamente o título que eu criei para o presente artigo.

²Um agradecimento especial à autora cristã Céfora Carvalho pelas sugestões e críticas altruístas que me permitiram refinar as ideias e a redação do texto final desse artigo.

³Keener, Craig S. *O Espírito na Igreja: o que a bíblia ensina sobre os dons* (São Paulo: Vida Nova, 2018).

Todos nós como pessoas, somos frutos de uma história. Quando estamos juntos gostamos de compartilhar nossos “causos” é da nossa natureza. Esse gosto é tão presente na narrativa humana que se tornou inclusive um mercado. Afinal, não é de hoje que eventos reais ou fictícios são contados e recontados por meio de diferentes produtos comerciais como filmes, novelas, séries, livros, revistas, jornais, podcasts e vídeos. Parte desses produtos são também conhecidos como conteúdos. É curioso notar também, que algumas pessoas afirmam só se interessar por histórias que tenham “conteúdo” ou acontecimentos “interessantes”. Adjetivos esses que são inerentes às histórias bíblicas, título de um livro⁴ que ganhei e li entre os meus 10 e 12 anos. Apesar da pouca idade e maturidade espiritual, fui diligente com a leitura e percebi que ali realmente havia grandes acontecimentos.

Por outro lado, falando especialmente sobre as obras cinematográficas, algumas em parte fizeram relevante sucesso dada à combinação de vários atributos com elevada qualidade como um bom roteiro, grandes atores e diretores experientes. Não à toa esses elementos são avaliados como categorias na premiação do Oscar. Porém, em algumas delas, o que também nos chama a atenção são as características do protagonista e o enredo. Em 1978, por exemplo, Richard Donner teve o desafio de realizar a primeira adaptação dos quadrinhos para o cinema, *Superman: O filme*. Donner abordou a ideia da verossimilhança, preocupando-se em contar a origem do personagem *Kal-Lel*,⁵ um dos habitantes *superdotados* do planeta Krypton que, por causas naturais, está prestes a explodir. Seu pai, *Jor-El*, o envia como um presente para o planeta Terra, com instruções de que apesar de seus poderes sobrenaturais, ele deveria viver como um simples terráqueo e ajudar o povo da Terra no que precisassem.

Em 1999, vinte e seis anos depois de ter lançado *Star Wars: O retorno de Jedi* (terceiro filme da trilogia original), *George Lucas* se propõe a contar a origem daquele que é considerado o maior vilão do cinema, *Darth Vader*. No quarto filme da série, primeiro da nova trilogia, cujo título em português é *A ameaça Fantasma*, *Shmi Skywalker Lars* é uma escrava que, sem ter relações íntimas, fica grávida e carrega em seu ventre *Anakin Skywalker*. No filme, esse

⁴*Meu livro de histórias bíblicas*. Sociedade Torre de vigias de Bíblias (1978).

⁵*Superman Motion Picture Anthology 1978-2006* (2012). Warner Bros. Entertainment Inc. (8 Discos). Blu-ray.

milagre se dá em virtude das *Midi-chlorias*, sendo também o cumprimento de uma Profecia, que afirma que o menino é o escolhido e responsável por trazer o equilíbrio da “força”⁶.

Provavelmente por uma coincidência, também em 1999 é lançado *Matrix*, outra ficção científica que revolucionou o cinema com seus novos efeitos especiais. Nessa produção dos irmãos *Wachowski*, os habitantes da Terra vivem uma vida ilusória. Seu dia a dia e lembranças são apenas ilusões criadas pela *Matrix*, uma espécie de inteligência artificial que controla os seres humanos e os usa como fonte de energia para alimentar as máquinas e seu complexo sistema computacional. Porém, existe uma Profecia de que um dia haverá um homem que mesmo conectado à *Matrix* poderá agir sobre ela, realizando milagres e vencendo suas regras, colocando fim à guerra entre o homem e as máquinas. Esse homem é tido como o escolhido, que no desenrolar do filme, descobrimos ser o jovem *Thomas A. Anderson* ou *Neo*.⁷ Como cinéfilo tendemos a ver e rever os filmes que gostamos várias vezes. Além é claro de conteúdos relacionados a eles como os extras, documentários e filmagens de bastidores. Isso nos impele a enxergar detalhes que não havíamos percebidos ou ver os mesmos detalhes de outra perspectiva.

Assim, como cristão, quando reflito sobre as características tanto do enredo quanto dos protagonistas desses clássicos, percebo que já conhecemos a essência dessas ficções e personagens. O apóstolo Paulo, por exemplo, preocupado, mas também contente com as notícias dos primeiros passos da Igreja em Tessalônica, escreveu a primeira Carta àquele grupo prezando pela manutenção de uma vida santa dos recém-convertidos.⁸ Talvez por terem vivenciado alguma situação negativa no que diz respeito às profecias⁹, Paulo encoraja os irmãos de Tessalônica “a examinarem tudo e reterem o que é bom” (1Ts 5.21). Isto é, ainda que haja desvios, independente do assunto, não devemos descartar tudo, devemos analisar e tirar proveito daquilo que nos edifica¹⁰. Portanto, à luz da Palavra de Deus e

⁶Star Wars: A saga completa (2011). Lucasfilm Ltd. (9 discos). Blu-ray.

⁷The Matrix Trilogy. (2009). Warner Bros. Entertainment Inc. (5 Discos). DVD.

⁸Hendriksen, W. *Comentário do novo testamento – 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon* (São Paulo: Cultura Cristã, 2019).

⁹Carson et al. *Comentário bíblico Vida Nova* (São Paulo: Vida Nova, 2009).

¹⁰Turner, S. *Engolidos pela cultura pop* (Viçosa: Ultimato, 2014). Um livro que talvez possa ajudar nesse desafio de análise.

refletindo sobre as características dos protagonistas desses clássicos, percebemos que já conhecemos a essência desses enredos e personagens. Afinal, 1) Quem com habilidades superiores nos foi dado pelo Pai, e, mesmo tendo sido tentado pelo mal, cumpriu sua missão de viver no mundo como se fosse um de nós e ainda nos compartilhou o seu evangelho? (Mt 4.3-10; 8.23-27; 14.22-33; Is 9.6-7). 2) Da mesma forma, quem foi concebido de forma sobrenatural no ventre da judia Maria para cumprir uma profecia? (Mt 1.18-25; Lc 1.26-38; Is 2.1-5). E, por último, 3) quem realizou milagres, venceu as regras deste mundo e ainda colocou fim às mazelas criadas pelo homem? (Mt 15.1-20; 25.31-46)¹¹.

Nós como seres semelhantes ao Pai, nascemos da vontade Dele, com o objetivo de adorá-lo por tudo o que ele é e criou. Dentre os muitos feitos do Pai, há o envio do próprio Filho como Sacrifício para a nossa justificação e salvação. Afinal, Cristo é, ao mesmo tempo, o protagonista e a história. Talvez por isso gostamos tanto desses filmes, porque neles está contida a cosmovisão cristã. Cosmovisão é um conceito complexo. Podemos dizer que ela é a forma como enxergamos o mundo e a vida. É a estrutura de entendimento que usamos para que a existência humana e o mundo façam sentido. Por fim, reflete a nossa interpretação do universo e da realidade em que vivemos. Assim, podemos dizer que quando esse entendimento e interpretação são direcionados para a glória de Deus, temos então uma Cosmovisão Cristã da nossa realidade.¹² Curiosamente, mesmo aqueles que não se renderam ao Evangelho de Cristo são atraídos por esses clássicos cinematográficos, provavelmente pelo fato de que há dentro de nós um desejo de admirar e adorar aquilo que é Santo e Grandioso. Isto é, adorar as características do Pai e do Filho que estão adaptadas nesses personagens e enredos.

Entretanto, como a nossa natureza é pecaminosa, não queremos adorar “no escuro”. Queremos ver aquilo que adoramos. Esse prazer, ao menos em parte, os filmes nos dão. A capa vermelha, o poder de voar, o sabre de luz, as conversas filosóficas, o vestuário preto e vencer o adversário são atributos que nos atraem. Porém, nada disso pode nos salvar do mundo e de nós mesmos. Como diria Salomão, “é tudo vaidade” (Ec 1.2). Precisamos sentir, mais do que simplesmente ver, além, é claro, de ver e adorar aquilo que realmente deve ser visto e adorado.

¹¹Bíblia de Estudo Scofield (2007). Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

¹²Ryken, Philip. *Cosmovisão cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2015).

Assim, da mesma forma que conseguimos observar a essência de Cristo nos heróis e filmes mencionados, também podemos perceber a Glória do Senhor, nos primeiros passos e palavras de uma criança (Lc 2.52). Igualmente, depois de um dia difícil de trabalho, ao olharmos para o céu e contemplarmos o pôr do Sol, nos regozijamos nas maravilhas que o Senhor criou (Gn 1.16). Há também aqueles momentos em que o Senhor envia pessoas para nos dar um abraço, que nos enche de alegria e nos dão a certeza de que ele cuida de nós (2Co 7.6). Consolo esse, que também pode vir ao entoarmos louvores como “é meu, somente meu, todo o trabalho, e o teu trabalho é descansar em mim”¹³. Podemos também perceber o Poder do Senhor sobre as nossas vidas entre um simples dormir e acordar (Sl 3.5). E porque não sair da dúvida, e acreditar com mais fé, naquelas palavras, pensamentos e ideias que vêm às nossas mentes de repente (At 9.4-5), de forma “aleatória” ou como respostas às orações recentes (Pv 15.29). Aleluia! Nosso Deus e sua Glória se manifestam de formas diferentes. Por fim, entendo que para adorar a Deus com excelência, precisamos nos entregar à Presença Empoderadora do Espírito Santo¹⁴. Só assim, estaremos sensíveis ao agir tanto ordinário quanto extraordinário do Espírito Consolador. Um caminho inicial e contínuo para sentirmos e cultivarmos essa Presença é ver, ou melhor, ler a sua Palavra. Nela está contida a maior história de todos os tempos, o melhor conteúdo, em meio a tantas possibilidades digitais. É um clássico atemporal repleto de acontecimentos interessantes e transformadores, que tanto chamam a nossa atenção. Portanto, acredito que por meio da leitura das Sagradas Escrituras, da oração e do viver no Espírito podemos ver, sentir e adorar a Presença do maior personagem de todos os tempos em nosso cotidiano, inclusive em coisas que não estão diretamente ligadas à fé. E aí? Vamos analisar e reter o que é bom? Afinal, como Denzel Washington afirmou ao receber o Oscar de melhor ator em 2002: “Deus é bom! Deus é grande!”¹⁵

¹³*Não tenhas sobre ti*. Composição de Jefferson Ferreira França Junior e Josué Rodrigues de Oliveira. Gravação da banda Milad em 1986.

¹⁴Fee, Gordon. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2020).

¹⁵Tradução nossa para o agradecimento original realizado em língua inglesa: Oh, God is good, God is great! God is great! From the bottom of my heart; I thank you all. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wLKDfyFjQtc&t=74s>>.



Wandick Leão Féres

Sobre o autor

É doutor em Administração de Empresas pela FGV-EAESP e professor auxiliar do Insper, na área de Gestão de Operações. Tem como hobby se aprofundar em assuntos diversos como futebol, cinema, televisão e outros. Como Cristão, tem procurado pregar e ensinar a Palavra do Senhor, equilibrando devoção e um estudo profundo das Escrituras por meio do poder do Espírito Santo. É presbítero e professor de Estudos Bíblicos na Igreja Evangélica Cristã Presbiteriana de Santa Isabel-SP. Casado com Bruna Renata e pai da Lara.

Lançamentos

Uma introdução literária à Bíblia

Leland Ryken | 15.5x22.5 cm | 640 p.

Este é um livro fundamental de crítica literária da Bíblia. Seu formato é simples: combina comentários teóricos sobre diversos aspectos literários da Bíblia com exposições de textos selecionados para ilustrar a teoria. A intenção do autor é que essa combinação de teoria e ilustração forneça uma metodologia para que seus leitores possam também aplicá-la a outros textos bíblicos.

Em pré-venda com previsão de lançamento em 06/11/2023.



Abraão, o pai da fé

A mensagem de Gênesis 12—25 para a igreja de hoje

Augustus Nicodemus Lopes | 14x21 cm | 576 p.

Nesse segundo volume de seu comentário de Gênesis, Augustus Nicodemus conduz o leitor pela complexidade histórica e cultural do primeiro livro do Pentateuco, trazendo respostas para os desafios que esse livro apresenta em sua interpretação. Ao expor as verdades do texto bíblico, Nicodemus lida com questões teológicas profundas e faz aplicações sobre nossa relação com Deus e nossa interpretação da promessa divina.

Hebreus: comentário exegético

F. F. Bruce | 16x23cm | 560 p.

Entender a Epístola aos Hebreus requer um conhecimento profundo de seus fundamentos veterotestamentários e da exegese bíblica do primeiro século. Esse comentário de Hebreus demonstra a maestria de F. F. Bruce e seu domínio desses dois assuntos.

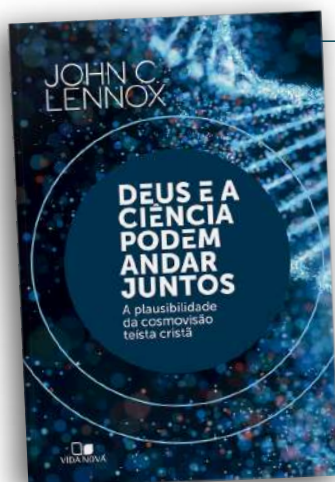
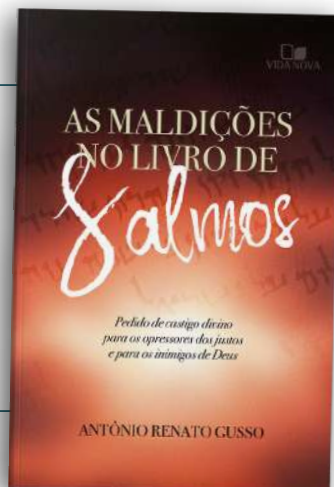


As maldições no livro de Salmos

Pedido de castigo divino para os opressores dos justos e para os inimigos de Deus

Antônio Renato Gusso | 14x21 cm | 192 p.

Essa é uma daquelas raras obras capaz de tirar o leitor da zona de conforto. Ela nos conduzirá pelas veredas dos Salmos, ajudando-nos a enxergar que as maldições não apenas são verdades, mas que ocupam um terço de todo o livro do Saltério.



Deus e a ciência podem andar juntos

A plausibilidade da cosmovisão teísta cristã

John C. Lennox | 14x21 cm | 576 p.

Com base nos argumentos apresentados em *God's undertaker: has science buried God?* [Por que a ciência não consegue enterrar Deus], John Lennox explora novamente a plausibilidade de uma cosmovisão teísta cristã à luz de alguns dos mais recentes desenvolvimentos da compreensão científica. Com o objetivo de fornecer uma introdução detalhada e convincente para o debate entre ciência e religião, ele se concentra nas áreas da teoria evolucionária, das origens da vida e do universo, além dos conceitos de mente e consciência.

A teologia de Jonathan Edwards

Gerald R. McDermott e Michael J. McClymont | 16x23 cm | 736 p.

Essa obra é a pesquisa mais abrangente já produzida acerca do maior teólogo americano. Ela faz uso de toda a obra de Edwards, os setenta e três volumes disponibilizados online pelo Jonathan Edwards Center. Nos quarenta e cinco capítulos desse livro, os autores examinam todos os principais aspectos do pensamento de Edwards, incluem discussões aprofundadas da extensa literatura secundária sobre Edwards e também dos escritos do próprio teólogo.

